



## CONTRADIÇÃO, DISCURSO E RESISTÊNCIA EM ANÁLISE DE DISCURSO: SÓ HÁ FALHA DAQUILO QUE CAUSA<sup>1</sup>

Santiago Bretanha<sup>2</sup>

Althusser sustenta que método marxista se distingue da abordagem idealista não pela ordem dos seus objetos e pelo sentido da sua aplicação, mas pelas suas determinações e pelas suas estruturas. Implica-se, portanto, que, quando remontadas por Marx, as categorias principais da dialética hegeliana, como a “negação”, a “identidade dos contrários”, a “superação” e, até mesmo, a “contradição”, assumem uma configuração distinta.

Frente a Althusser, coloca-se a questão: quais implicações desta inversão metodológica na teoria materialista para a compreensão do conceito de contradição? Quais as ressonâncias desta virada para teoria materialista dos processos discursivos, tal como Pêcheux a propõe?

Diante desses questionamentos, e tomando por base a interpretação althusseriana sobre o conceito de contradição, neste trabalho discutiremos o esforço teórico de Althusser em livrá-lo da acepção *mística-mistificada-mistificadora* do idealismo, com o objetivo específico de remontar algumas das implicações deste conceito à Análise de Discurso de linha francesa e aos modos como a contradição organiza estruturalmente o todo complexo com dominante das formações discursivas e coloca, nele/para ele, o imperativo à resistência.

O desenvolvimento filosófico do materialismo depende da descrição e da teorização das estruturas da dialética, ainda que já incorporadas à prática política. Althusser, tomando para si parte deste necessário empreendimento, dedicará seus esforços em desenvolver o conceito marxista de *contradição*, desdobrando-o, especialmente, em dois textos: *Contradição e sobredeterminação* ([1962] 1979) e *Sobre a dialética materialista* ([1963] 1979a).

Motta (2012), em seu estudo sobre o *(Re)começo do materialismo althusseriano*, observa que o marco inicial do filósofo se situa nas teorizações de Mao Tse Tung, especificamente no texto *Sobre a contradição* ([1937] 2009). Vistas como importantes reflexões para a interpretação da conjuntura dos países do Terceiro Mundo após a Segunda Guerra, as proposições de Mao são imprescindíveis para pensar a conformação das relações internas das formações sociais e as diferentes contradições aí em operação (MOTTA, 2012).

Para tanto, Mao ([1937] 2009) configura a contradição como um princípio da dialética, implicado à constituição fenomênica do mundo e que deve ser devidamente apreendido pelo operador metodológico do

<sup>1</sup> O presente trabalho configura-se como um recorte de um artigo homônimo publicado pelo periódico *Cadernos de Estudos Linguísticos* (Unicamp) (BRETANHA, 2021).

<sup>2</sup> Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – UFPel; o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001; santiagobretanha@gmail.com.

materialismo. Nesse contexto, o autor distingue duas contradições, basicamente: as *principais*, relacionadas à dimensão econômica e expressas pela oposição capital/trabalho, e as *secundárias*, referentes aos tensionamentos superestruturais. Em sua visão, “dos dois aspectos contrários, um é necessariamente principal e o outro, secundário. O principal é aquele que desempenha o papel dominante na contradição. O caráter dos fenômenos é sobretudo determinado por esse aspecto principal da contradição” (TSÉ TUNG, [1937] 2009, p. 60).

Para o líder comunista ([1937] 2009), as contradições internas ocupam o cerne de determinada formação social ao passo que as contradições externas estão a favor da sua (re)produção. As contradições, desse modo, possuem caracteres tanto particulares quanto universais e estão no centro do desenvolvimento de todas as práticas. Entretanto, ainda que interdependentes, a relação estabelecida entre elas é de dominância, o que “decorre [d]o fato de que a contradição fundamental influencia e determina as contradições principais e secundárias, tornando-as ou agudizadas, ou resolvidas, ou atenuadas parcialmente/temporariamente, enquanto outras vão nascendo” (MOTTA, 2012, p. 76).

Com base nesses princípios, Althusser proporá uma de suas maiores contribuições à ciência da história, em específico para a análise das crises conjunturais que se apresentam no pós-guerra. Para Gillot (2018), reside aí a originalidade teórica de Althusser, que busca na psicanálise os instrumentos para a releitura de Marx em uma perspectiva antieconomicista. Mobiliza, particularmente, o conceito de *sobredeterminação*. Para isso, em constante autocrítica, vê-se diante da necessidade de superar os princípios gerais lançados em *Ler o Capital* (ALTHUSSER; RANCIÈRE; MACHEREY, [1968] 1979b; ALTHUSSER; BALIBAR; ESTABLET, [1968] 1980) em função da capacidade de interpretar acontecimentos históricos, de fato, como processos determinados por contradições de ordem distintas. Essa posição, sustentada em Mao, descreve uma rede complexa de contradições unidas cuja “força”, contingencialmente, levaria à revolução (ALTHUSSER, [1962] 1979, [1982] 2005).

Ao levarmos estas proposições à última instância, a única conclusão possível é a de que a estrutura social não é uma essência originária, mas uma unidade que se articula de modo complexo e movente. Na perspectiva de Motta (2012, p. 80), está aí o empréstimo mais feliz de Mao a Althusser: são as “diferenças entre as contradições e as relações destas com a estrutura dominante significam a existência do/[no] todo”. Não significa dizer que a contradição principal é “essência” das secundárias, e que estas seriam “puro fenômeno” da principal. Pelo contrário: implica que as contradições secundárias são tão necessárias à (re)produção/transformação da contradição principal quanto constituem as suas condições materiais de existência, ao mesmo passo que o inverso é verdadeiro (a contradição principal é tão necessária à (re)produção/transformação das contradições secundárias quanto constitui as suas condições materiais de existência) – no movimento dialético da identidade dos contrários, a infraestrutura e a superestrutura constituem a condição de existência uma da outra.

Não se nega, por isso, a “estrutura com dominante” que organiza as contradições, a saber, a estrutura econômica que coloca em disputa a exploração do trabalho. Afirma-se, por outro lado, que a contradição se situa no interior dela mesma e é esta teorização “da estrutura articulada com dominante que constitui a unidade do todo complexo no interior de cada contradição [...] o traço mais profundo da dialética marxista” (MOTTA, 2012, p. 81; ALTHUSSER, [1962] 1979a, p. 181-182).

Nesse sentido, a concepção de contradição em Althusser se torna fundamental para o desenvolvimento da Análise de Discurso (doravante AD) materialista, especialmente no que se refere à definição de ideologia e à sua realização material em discurso. Tomando por arrimo a máxima althusseriana de que *a Ideologia representa a relação imaginária entre os indivíduos com suas condições reais de existência* (ALTHUSSER, 1970, p. 86), Pêcheux ([1975] 2014) propõe que, dado que ideologia é prática, seu determinante não é o homem, ou as imagens especulares através das quais se relaciona com o real, mas a prática ideológica, em si, no momento de seu funcionamento. Assumindo o discurso como base material dos processos ideológicos, e enquanto efeito de sentido entre locutores, Pêcheux vê em seu objeto o potencial de remontar o funcionamento próprio das práticas ideológicas e, por conseguinte, da estrutura da ideologia aí implicada. Na prática teórica, tem-se possibilidade de compreender os modos como a determinação econômica se (re)produz/transforma nas práticas ordinárias, como sobredeterminam a relação, imaginária, dos homens com suas condições reais de existência e como esta compreensão tornaria possível a transformação das relações sociais. A prática teórica da AD, portanto, está pautada, fundamentalmente, pela transformação das práticas ideológicas existentes em conhecimento. Isso sob o intento de mobilizar estes conhecimentos à constituição de estratégias de ruptura das relações sociais hegemônicas. Uma prática teórica construída na/pela/em razão da prática política.

A categoria da contradição, portanto, é constitutiva dos processos de constituição da subjetividade (PÊCHEUX, 1980) e, atrelados ao funcionamento da ideologia, esses processos são as forças que dão movimento aos processos de *reprodução-transformação* (ALTHUSSER, 1970), seja da estrutura social, seja dos sentidos. As FD, assim com os AIE, não são homogêneas e estanques, instrumentos infalíveis da ideologia do capital, mas construtos inseridos no movimento sem início nem fim da luta de classes. A contradição, nesse sentido, para além de um mecanismo para a reprodução, é abrigada pelas FD, trazendo para seu seio, a propósito da sua manutenção, o diferente e a resistência (de NARDI; NASCIMENTO, 2016).

Na leitura de Nardi e Nascimento (2016), nos textos tardios de Pêcheux, especialmente em sua retificação (PÊCHEUX, [1982] 2014a), é que se pode vislumbrar de modo mais incisivo o papel da resistência na teoria materialista dos processos discursivos. Com base na primazia do inconsciente, Pêcheux ([1982] 2014a) sustenta que pensar o ritual de interpelação ideológica presume admitir que não há ritual sem falhas. Sob essa perspectiva, o assujeitamento do sujeito do discurso à FD não significa sua (plena) submissão à ordem da Forma-Sujeito, pelo contrário: por dar-se no campo do político e do simbólico, é injungido à resistência. Ao ocupar uma posição discursiva, necessariamente, o sujeito resiste a outras. A resistência e, por oposição, a dominação coexistem no ritual de interpelação ideológica. Toda tomada de posição, “toda identificação com uma forma sujeito implica resistência tanto a esse lugar como aos discursos outros que o atravessam, que contradizem os saberes dessa FD ou os negam, provocando rupturas” (DE NARDI; NASCIMENTO, 2016, p. 87). Assim sendo, a tomada de posição do sujeito em relação à Forma-Sujeito que organiza uma FD é sempre-já um movimento de resistência, implicado pela interpelação ideológica e pela reprodução-transformação da luta de classes.

Tomado o conceito de contradição como organizador das FD, e vendo nelas o lugar da resistência múltipla, podemos sumarizar, pelo menos quatro funcionamentos da contradição nas/das FD que colocam, por sua vez, quatro relações de resistência distintas (tanto na tomada de posição do sujeito enunciador em relação à FD, quanto à relação das suas próprias condições estruturais). São eles:

**0** - a contradição estruturante de uma determinada FD: a contradição que coloca em relação de dominância a causalidade estruturante da formação social em relação aos saberes que decorrem da sua eficácia, cuja resistência se dá na tentativa de tamponamento da sua presença em toda prática que, contingencialmente, está a favor da sua manutenção;

**1** - a contradição da eficácia de uma FD: a contradição que coloca em relação de dominação o funcionamento próprio de uma FD e o sujeito enunciador, cuja resistência se dá no momento da captura do indivíduo em sujeito pela ideologia;

**2** - a contradição “interna” de uma determinada FD: a contradição que coloca em relação de dominância a Forma-Sujeito dominante em relação às demais posições sujeito, cuja resistência se dá nas fronteiras porosas regionalizadas pela FD;

**3** - a contradição “externa” de uma determinada FD: a contradição que coloca em relação de dominância uma FD dominante em relação às demais FD, cuja resistência se dá na relação entre a regionalização da FD e o todo-complexo com dominante das FD, o interdiscurso.

Em outras palavras, poderíamos dizer que a contradição opera em dois níveis, embora um pressuponha o outro em uma relação necessária: um (i) subterrâneo e outro (ii) descritivo-interpretativo que, na crítica da ideologia, são complementares (ZIZEK, 1992). O último, que engloba as contradições 1, 2 e 3, é de caráter discursivo e tradicionalmente levado a cabo pela teoria materialista dos processos discursivos. Aí, o intento principal é o de demonstrar como um dado domínio de práticas ideológicas se materializa em discurso. Neste nível, chegamos à determinação do sentido através do trabalho constante dos deslocamentos/condensações colocados em movimento na/pela luta de classes. O primeiro, que engloba a contradição 0, é de caráter estruturante e aloca a FD como sobredeterminada/sobredeterminante e, por isso, ao mesmo tempo, economicamente determinada e reprodutora/transformadora das relações de dominação articuladas em função do econômico. Essa contradição estruturante mobiliza o “insuportável” da ideologia, a clivagem ideológica impossível de ser integrada na ordem simbólica, e que se insinua pelo viés da denegação *não há relação de classe*. A ideologia burguesa esforça-se em produzir esta denegação através do imaginário de uma “sociedade orgânica e complementarmente organizada”, que não seja antagonicamente clivada. Neste nível, subterrâneo, busca-se apreender no sintoma ideológico a ordem desta clivagem.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença 1970.

ALTHUSSER, L. Contradição e sobredeterminação: notas para uma pesquisa. *In*: ALTHUSSER, L. **Por Marx**. Tradução de Dirceu Lindoso, revisão de Paulo de Melo Jorge Filho. Rio de Janeiro: Zahar, [1962] 1979. p. 75-102.

ALTHUSSER, L. Sobre a dialética materialista: da desigualdade das origens. *In*: ALTHUSSER, L. **Por Marx**. Tradução de Dirceu Lindoso, revisão de Paulo de Melo Jorge Filho. Rio de Janeiro: Zahar, [1963] 1979a. p. 140-193.

ALTHUSSER, L. O objeto do capital. *In*: ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E.; ESTABLET, R. [1968]. **Ler o Capital**: v. 2. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1968]1980.

ALTHUSSER, L.; RANCIÈRE, J.; MACHEREY, P. **Ler o Capital**: v. 1. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1968] 1979.

- ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E.; ESTABLET, R. **Ler o Capital**: v. 2. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1968] 1980.
- ALTHUSSER, L. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. Tradução de Mônica Graciela Zoppi-Fontana. **Crítica Marxista**, São Paulo, v.1, n. 20, p. 9-48, [1982] 2005.
- BRETANHA, S. Contradição, discurso e resistência em análise de discurso: só há falha daquilo que causa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, n. 0, p. e021020, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661734>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- DE NARDI, F. S.; NASCIMENTO, F. A. S. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na análise de discurso: Movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, n. 2, p. 80-103, 2016.
- GILLOT, P. **Althusser e a psicanálise**. Tradução de Pedro Eduardo Zini Dovoglio, Fábio Ramos Barbosa Filho e Marie-Lou Lery-Lachaume. São Paulo: Editora Ideias & Letras: 2018.
- MOTTA, L. E. O (re)começo do marxismo althusseriano. **Crítica Marxista**, n. 35, p. 73-89, 2012.
- PÊCHEUX, M. Remontémons de Foucault a Spinoza. *In*: TOLEDO, M. M. **El discurso político**. México: Nueva Imagen, 1980.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 7-24, [1982] 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2014.
- PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1982] 2014a.
- TSE TUNG, M. **Sobre a prática e sobre a contradição**. Revisão de Geraldo Martins de Azevedo Filho. São Paulo: Expressão Popular, [1937] 2009.
- ZIZEK, S. O gráfico do desejo: uma leitura política. *In*: ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.